

# Banqueiro elogia novo acordo

## JOSÉ ANTÔNIO RIBEIRO

A disposição dos banqueiros internacionais em relação ao Brasil melhorou muito nos últimos meses e foi decisiva para que se chegasse a um acordo na renegociação da dívida e à suspensão da moratória. Isso aconteceu sem que o Brasil fizesse nada de extraordinário na economia. Bastou apenas que os responsáveis pela política econômica deixassem de fazer aventuras mirabolantes.

Esse é o quadro que o presidente do Conselho de Administração do Banco Mercantil de São Paulo, Gastão Eduardo de Bueno Vidigal, identifica na área externa. A melhoria do relacionamento com os credores e o aumento do superávit na balança comercial são, todavia, os únicos aspectos otimistas encontrados pelo banqueiro no panorama econômico. "Mas é significativa a demonstração de boa vontade dos credores. Posso constatar isso diariamente pelos telex que recebo do Exterior. O acordo provisório que o Brasil fez é pra valer. Os banqueiros querem ajudar", insiste Gastão Vidigal.

O lado interno da economia não apresentou ainda nenhum sinal de melhoria. "Não houve avanço no controle do déficit público e da inflação. Se o lado externo parece bem encaminhado, os problemas internos são preocupantes e enquanto não tivermos coragem de enfrentar o déficit nada poderá ir bem."

Quando analisa as possibilidades de um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), Vidigal, que na década de 60 participou da renegociação da dívida, manifesta certa esperança de que o País decida ajustar suas contas internas. "Com o FMI a coisa é séria e o Brasil não poderá brincar de faz-de-conta. Terá que decidir a conter os gastos públicos se quiser um acordo. E é preciso tirar da cabeça essa mania

de pensar que o fundo quer impor sacrifício a quem quer que seja. Não quer nada, apenas mostra o que já sabemos: que sem controle do déficit e da inflação nunca colocaremos a casa em ordem."

O presidente do Mercantil considera que o atual ministro da Fazenda está conduzindo bem a economia, com tranquilidade e simplicidade, e pode obter bons resultados também na área interna se tiver liberdade para adotar as medidas necessárias. "O Mafilson é muito bom. É ótimo principalmente se comparado com os ministros que tivemos mais recentemente na Fazenda."

## AVANÇO SOCIAL

Responsável pelo comando de um conglomerado que emprega atualmente mais de 11 mil pessoas, Vidigal apóia as vantagens sociais aprovadas pela Constituinte para os trabalhadores, com uma única restrição: "Não sei por que o homem precisa ficar oito dias de folga quando nasce um filho. A folga é importante, principalmente no interior, para providenciar registro e outras coisas, mas oito dias me parecem tempo exagerado".

"Não tenho dúvida de que precisamos realmente evoluir na área social. E se alguém se dedicou mais

tempo a uma empresa é justo que, quando demitido, receba uma indenização proporcionalmente mais al-



Vidigal: imagem melhorou

ta. Vamos ter que pagar isso. É necessário", afirma Vidigal ao apoiar também os quatro meses de licença para as gestantes.

## MELHORIA DE RESULTADOS

Com o fechamento de 150 agên-

cias e corte de aproximadamente 30% em seu quadro de funcionários, o Mercantil realizou em 1986 um forte ajuste em sua estrutura. Além disso, empreendeu no ano passado uma política operacional mais agressiva, aumentando seu volume de negócios. Os resultados dessas medidas estão espelhados no balanço publicado no início deste ano.

As receitas totalizaram em R\$ 42,12 bilhões, com um crescimento nominal de 694,3% em relação aos R\$ 5,30 bilhões contabilizados em 86. O lucro líquido registrou expansão ainda mais expressiva, passando de R\$ 206,4 milhões para R\$ 2,68 bilhões, evoluindo 1.201,8%. "Esse é o nosso melhor balanço", observa Vidigal, salientando que foram adotados critérios conservadores na contabilização do lucro.

Apesar dos bons resultados obtidos por muitos bancos em 87, o presidente do Mercantil não está eufórico com as perspectivas de 88: "Será um exercício apertado para o setor porque as despesas sobem muito e o volume de negócios se retrai. Os bancos, de modo geral, já cortaram o que podiam cortar. O Mercantil está com 215 a 220 agências, após fechar 150. Qualquer corte agora atingiria, necessariamente, agências rentáveis".